

Música da Antiguidade e do Medievo: Performance, recepção e recriação

Apresentação dossiê

Fábio Vergara Cerqueira
Universidade Federal de Pelotas
E-mail: fabiovergara@uol.com.br

A música foi uma das mais ricas manifestações culturais da Antiguidade grega, grande marco civilizacional de seu gênio criativo, em vários campos: na luteria, na composição, no pensamento teórico, na didática musical, na arquitetura voltada aos espetáculos musicais, nos festivais musicais, entre outros. No entanto, como manifestação artística, diferentemente da pintura ou da escultura, a música é uma arte da performance, do momento e da imaterialidade. Por essa razão, muito se afirmou que a experiência musical grega seria inapreensível pela Modernidade. Na contramão disso, muitos estudos foram feitos, desde o século XVI, em torno de uma plêiade de vestígios desta cultura musical, de textos com notação musical e tratados teóricos a remanescentes físicos de instrumentos musicais e representações iconográficas destes, ou mesmo tentativas de se inferir aspectos melódicos e ritmos a partir do texto poético, baseando-se na suposta vinculação entre música e poesia. Esses estudos têm fomentado, nas últimas décadas, experiências diversas de recriação e interpretação. Este impulso de investigação e criatividade motivado pela música grega antiga chegou mais recentemente ao Brasil e à América Latina. E são diversas as formas de se tornar a música grega antiga uma música do presente, desde a busca de uma interpretação que se pense como mais fiel ao que seria à musicalidade grega antiga, com base em rigorosos estudos sobre os instrumentos, teoria e notação musical, até propostas de recriação de melodias e ritmos com base na fonética e na métrica, ou por meio de aproximações baseadas na analogia etnográfica com músicas tradicionais e folclóricas. Mas as possibilidades não se esgotam por aí. Entre outras, incluem-se composições modernas que recorrem a modos musicais gregos ou se inspiram em mitos, narrativas ou produções literárias da Antiguidade.

Diferente da música antiga grega e romana, os estudos e práticas da performance da música medieval já possuem uma tradição bastante consolidada, haja vista não haver uma ruptura histórica de transmissão desta cultura até o Mundo Moderno, diferente do que ocorreu com a música da Antiguidade grega. Entretanto, compartilham desafios semelhantes no que tange à interpretação, à performance e à prática de criação/recriação da música medieval hoje, como música no e do presente. Em ambos casos, nos esforços de performance moderna quer da música da Antiguidade, quer do Medieval, não é possível prescindir de exaustiva pesquisa interdisciplinar, que faça interagir disciplinas como história, filologia, iconografia, musicologia, teoria musical, arqueologia da música, arqueoorganologia, acústica, e saberes práticos, industriais e artesanais, como a luteria.

Neste dossiê propomos um espaço para artigos que tratem dessas experiências variadas de fazer acontecer hoje música a partir ou sobre ou inspirados pela música antiga e medieval. Queremos inclusive oportunizar ao leitor um olhar transversal sobre as experiências de investigação e performance com (a partir de) música da Antiguidade e do Medieval.



Junho de 2019 foi um momento especial para os estudos da música da Antiguidade no Brasil e no Cone Sul. A **XX Jornada de História Antiga** da UFPel, intitulada “Melodias visuais, poesias musicais: Antiguidades sonoras”, foi o primeiro encontro dedicado exclusivamente à música da Antiguidade grega e romana em nosso país e, segundo meu conhecimento, na América Latina. Durante uma semana, interagiram, numa intensa troca de conhecimentos, pesquisadores nacionais e internacionais, seniores e juniores, estudantes da pós-graduação e graduação, em diálogos multi e interdisciplinares. A música da Antiguidade foi examinada da perspectiva filológica, filosófica, arqueológica, iconográfica, musicológica, e ainda, em um horizonte intrinsecamente musical, na dimensão da teoria musical e da cultura performativa. De um lado, olhares teóricos na busca de compreensão da cultura musical; de outro, esforços criativos e técnicos para se tornar possível a performance da (e a partir da) música grega e romana antiga. E como a tradição musical grega não nasce de um ponto zero, mas se desenvolve a partir de tradições musicais orientais precedentes, abriu-se espaço para temas relativos à música no Egito, na Mesopotâmia e mesmo na Índia antiga.

Neste evento, ocupou um lugar de destaque a presença da performance musical, seja em recitais, seja em mesas redondas, minicursos e oficinas, que debateram diferentes experiências de performance musical sustentada/inspirada/informada na tradição da música antiga greco-romana e medieval. Este dossiê tem como escopo, portanto, apresentar ao leitor algumas destas possibilidades, deste campo que está bastante aquecido, aguardando apenas a epidemia passar para retomar seus projetos, experimentos, composições e ensaios.



O dossiê compõe-se de seis textos, metade deles relacionados à música antiga grega, metade deles à música de raiz medieval. Inicia-se com a contribuição de Sergio Antonini, sob o título “Una versión musical del poema I de Safo”. Antonini atua na Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos Aires, mais especificamente junto ao Instituto de Filologia Clássica, ocupando-se com metodologias relativas ao ensino e didática do latim e do grego antigo. A escolha deste texto para abrir o dossiê se deve primeiro à cronologia de seu objeto, poema da poetisa lírica da ilha de Lesbos, Safo, mas também por relatar uma experiência cuja metodologia é herdeira em seus paradigmas das primeiras tentativas de “reconstrução” da música grega antiga.

Foi a partir da busca de experiências inovadoras para facilitar o aprendizado das línguas clássicas antigas, que Sergio Antonini conheceu o uso de modelos musicais para o estudo e ensino da poesia antiga. Em seu artigo, apresenta uma versão musical da “ode a Afrodite”, de Safo (fr. 1 Voigt) – “versão” aqui significando “reconstrução lato senso”. Vale ressaltar que sua “versão musical” está inserida em um projeto realizado na Universidad de Buenos Aires, em que a musicalidade é um elemento central em sua proposta metodológica para tornar o latim e o grego mais familiares aos estudantes, facilitando assim seu aprendizado.

Antonini apresenta seu trabalho como filiado a uma tradição de experimentos que remontam à Renascença, quando foram feitas as primeiras tentativas de uma aproximação musical visando a uma abordagem mais “natural” da poesia clássica. Em Buenos Aires, o autor tem participado de experiências realizadas com estudantes, de ensino médio e superior, em que percebeu o quanto esses experimentos didáticos poético-musicais podem facilitar entre estudantes uma melhor compreensão da poesia clássica, por meio de efeitos produzidos pelo ritmo e pela melodia inerente à acentuação. A abordagem musical do corpus poético na língua original permite que estudantes com escassa formação em métrica possam, com relativa facilidade, identificar os diversos ritmos e formas de versificação, e assim conhecê-los em novos textos.

O segundo texto, de autoria de Eliana Vaz Huber, tem como título “Recriando música antiga medieval no século XXI”. A autora é graduada em música e professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Porto Alegre, lecionando música e flauta doce. Como musicista, integra o grupo “Musica Mundana”, da capital gaúcha. Em sua contribuição, apresenta o grupo, sua formação, instrumentos utilizados, e se aprofunda na análise de como se dá o processo de recriação de música medieval, diante do desafio de interpretar um repertório de canções de diferentes origens, remanescente dos séculos XII, XIII e XIV.

O terceiro artigo, focado igualmente na música de tradição medieval, é de autoria de um conjunto de professores da área de música da UFPel, e que formam o “Grupo Iluminura”, que tem se dedicado ao repertório tardo-medieval, renascentista e do barroco inicial. Assim sua contribuição traz precisamente o entrecru-

zamento entre a pesquisa musicológica, histórica, literária, e os desafios de realizar hoje a performance da música medieval. Werner Ewald, João A. Straub Gomes, Marcelo Borba, Leonora Oxley e Carlos W. Soares apresentam o texto “A teatralidade ibérica em algumas canções de Juan del Encina”, poeta, músico e dramaturgo do pré-renascimento espanhol, que integra o repertório de seu grupo.

Juan del Encina (1468- 1529) foi patriarca e um dos mais importantes fundadores da dramaturgia ibérica. Sua veia teatral liga-se diretamente ao Auto Medieval, composição teatral simples e curta, ao mesmo tempo que tem muito da música renascentista. Os poemas de Encina são concebidos para serem cantados, compondo cada um dele um ato dramático muito breve. De inspiração popular, carregam aspectos de tradição oral e escrita. Texto e música compõem uma unidade. Os autores propõem uma análise macroestrutural, para balizar a produção de um arranjo e de uma performance musical acompanhada de comentários sobre as canções e sobre o autor, para que o público do “Iluminura” conheça o vigor e dramaticidade do teatro espanhol de Encina.

Por exemplo, é no ambiente de teatralidade festiva que se insere a peça “Oy Comamos y Bebamos”, uma das peças mais conhecidas do cancionero medieval ibérico. Para ressaltar a sua dramaticidade popular e festiva, nela acontece movimento, alegria, dança, assim como ruídos próprios de uma feira popular. Os autores explicam como procuram fazer presente em sua performance o conteúdo dramático e emocional dessas obras, de inspiração popular, em que textos, ação e música compõem uma unidade, expressa em melodias pungentes e ritmos fortes, aliados à forte dramaticidade de temas como amor, dor, fé ou mesmo a sátira.

A quarta contribuição é mais um exemplo de estudo sobre a música medieval, de autoria de Felipe Ferreira de Paula Pessoa, intitulada “A performance nas cantigas galego-portuguesas: desafios entre oralidade e tradição manuscrita trovadoresca”. O autor tem graduação e mestrado em música pela Universidade de Brasília, quando se dedicou ao estudo do choro e do violão, e atualmente cursa doutorado em história na mesma universidade. É professor da Escola de Música de Brasília, atuando na formação de profissionais, ao mesmo tempo em que leciona música no ensino médio. Em comparação aos textos anteriores, agora o foco se desloca um pouco. Menos direcionado aos desafios da performance contemporânea da música medieval, Felipe Pessoa se propõe compreender a historicidade da performance de cantigas galego-portuguesas, entendendo que esta compreensão poderá contribuir para sua interpretação e recriação musical modernas. Enfatiza a questão da criação e transmissão oral prevalentes nas cantigas galego-portuguesas, ao passo que boa parte dos esforços modernos para recriação de música medieval acomodaram-se no material filiado à tradição musical escrita. Debruça-se sobre os pergaminhos Vindel e Sharrer, fragmentos que contêm respectivamente cantigas de amizade e de amor, acompanhadas de notação musical. O autor considera que compreender o conceito medieval de performance é fundamental

para interpretar a performance trovadoresca. Assim, Felipe Pessoa propõe uma análise dos fragmentos melódicos de seis cantigas de amigo de Martim Codax – o *Pergaminho Vindel* – e das sete cantigas de amor do rei português D. Dinis – o *Pergaminho Sharrer*, valiosos testemunhos da lírica trovadoresca produzida na Península Ibérica, entre o final do século XII e o primeiro quartel do século XIV. De forma complementar, o autor recorre ainda ao *Cancioneiro da Ajuda*, para tentar responder a questões atinentes à análise da notação musical dos pergaminhos.

Os dois últimos textos do dossiê ancoram-se de modo diferentes na cultura musical grega. O primeiro deles, de autoria da helenista Agatha Bacelar, intitulado “Experimentos com poesia e performance: um ensaio no (e com o) ensino da poesia grega antiga”, nos apresenta uma importante experiência, que envolve o tripé ensino|pesquisa|extensão, desenvolvida na Universidade de Brasília, onde a autora é professora de grego antigo e de literatura grega. Trata-se do projeto de iniciação científica, na modalidade PIBIC/CNPq, “Entre festas e ritmos: aspectos performativos e musicais da poesia grega antiga”, concebido para acolher estudantes no desenvolvimento de estudos de caso sobre poemas específicos. O projeto relatado tem a seguinte dinâmica: cada plano de trabalho, sobre um poema determinado, deve realizar um estudo introdutório sobre o contexto performativo do poema em questão e, em um segundo momento, incentivar experimentos de vocalização e percussão com o poema. Esses experimentos, adaptados de jogos de improviso vocal e de percussão corporal, são então propostos em oficinas de extensão abertas ao público não especializado. O texto que integra nosso dossiê apresenta os estudos de caso desenvolvidos por dois estudantes entre 2018 e 2019 e faz um relato da primeira edição da oficina, realizada em 2019.

A autora agrega a esse relato reflexões teóricas que embasam essa guinada no ensino do grego e da literatura grega, que passou a incorporar experimentos de performance, em que a dimensão musical – rítmica e melódica – tem centralidade. O interesse dos helenistas pela cultura performativa antiga não para de crescer desde os anos 1970, impactando em novos olhares incorporados às abordagens filológicas dos textos, sempre ressaltando impacto das propostas de Parry e Lord sobre uma nova forma de entender a produção literária antiga, que leva em conta a performance, seja em sua dimensão social ou em sua dimensão poético-musical. Como ressalta Agatha Bacelar, “o texto deixa de ser [visto como] poema, transforma-se em *script* de uma performance”.

O dossiê encerra com a contribuição de Thiago Costa Perdigão, “Sobre a música *Marsias contra Apolo*: uma associação entre composição musical contemporânea e mitologia grega”. Perdigão é músico, graduado em composição pela Universidade Federal de Pelotas, onde realizou também seu mestrado, explorando interfaces entre Wagner e Nietzsche, compositor em que a presença da Grécia antiga é prevalente, e que se ocupou do debate moderno sobre a dualidade dionisismo/apolinismo. Seu texto trata de uma experiência de

composição baseada em um mito grego que consubstancia talvez da forma mais paradigmática a dualidade nietzschiana dionisíaco x apolíneo. Em seu artigo, o autor expõe e analisa o contexto mitológico da composição musical “Marsias contra Apolo”, para flauta solo, em sua relação com as técnicas e elementos musicais utilizados ao compor. Num primeiro momento, traz o mito grego do embate musical entre o sileno Marsias, que havia se tornado famoso e admirado por sua habilidade na arte do *aulos* (frequentemente traduzido como “flauta-dupla”, apesar de que pelo uso da embocadura dupla se aproxima mais do oboé) e o poderoso deus da música, o citado Apolo. Marsias, convencido de que havia se tornado o melhor dos músicos, decide desafiar Apolo. Ao sair derrotado na disputa, foi condenado pelo deus, seu castigo trágico variando conforme a versão, esfolamento, degola... Trata-se de um mito em que o instrumento de sopro (*aulos*) é alinhado ao dionisíaco, ao passo que o cordófono (lira ou cítara), é associado ao apolíneo. A escolha da flauta para solar a peça é uma forma de dar voz a Marsias, que toca o instrumento de sopro. Como leitor de Nietzsche que é, não há como não pensar se pensar em uma motivação nietzschiana para a composição!

Em um segundo momento, Perdigão aponta a relação deste mito com os elementos musicais essenciais em sua composição e como estes foram desenvolvidos. Em anexo, o autor disponibiliza a partitura da peça “Marsias contra Apolo”. Durante a XX Jornada de História Antiga, em Pelotas, a peça foi apresentada, numa interpretação do flautista Raul Costa d’Ávila.

Acredito que o dossiê “Música da Antiguidade e do Medievo: performance, recepção e recriação” cumpre seu papel, fornecendo ao leitor e aos músicos referências variadas sobre as possibilidades de performance e interpretação musical da música de tradição greco-romana antiga e de tradição medieval. Quem sabe um estímulo a que alguns encarem o desafio de recriar a música grega em nosso país, assim como já se faz por aqui há tempo com os repertórios medievais e tem se feito com a música grega, com experiências muitas variadas, em países como Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Itália e Estados Unidos.